

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

VOLUME X

CONTOS E POEMAS
ONDE O MEDO GANHA PALAVRAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-97719-5
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

DA ESCURIDÃO DO EU AO CAMINHO DO BEM, POR ALDEMIR B. OLIVEIRA-FILHO, PÁG.	05
A RUINDADE, POR ANTÔNIO CARLOS RODRIGUES MARQUES, PÁG.	09
À DISTÂNCIA, POR AMILTON CONTÉ, PÁG.	12
ALÉM DO FINAL, POR BARTH VADER (FLAVIO JOPPERT), PÁG.	14
A NOITE DAS BRECHAS, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG.	16
VOZES VOLÁTEIS, POR FELÍCIA SODRÉ, PÁG.	21
PESADELO REAL, POR FELÍCIA SODRÉ, PÁG.	23
SOBRE A CURA, PLENA, PLANA E LEVEMENTE ASSOMBRADA, POR LUIZ OTÁVIO, PÁG.	25
SÍTIO MACABRO, POR MARCOS COSTA MELO, PÁG.	28
O SOM DOS OSSOS, POR MARIANA AKIMOTO, PÁG.	33
A HORA DO HORROR NO HOPI HARI, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG.	38
O RATO, POR MAURICIO MOURA, PÁG.	41
A CASA DO INFERNO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG.	46
TUPÁ IRADO, POR SELLMA LUANNY, PÁG.	52
TERROR NA SOLIDÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG.	54
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG.	56

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

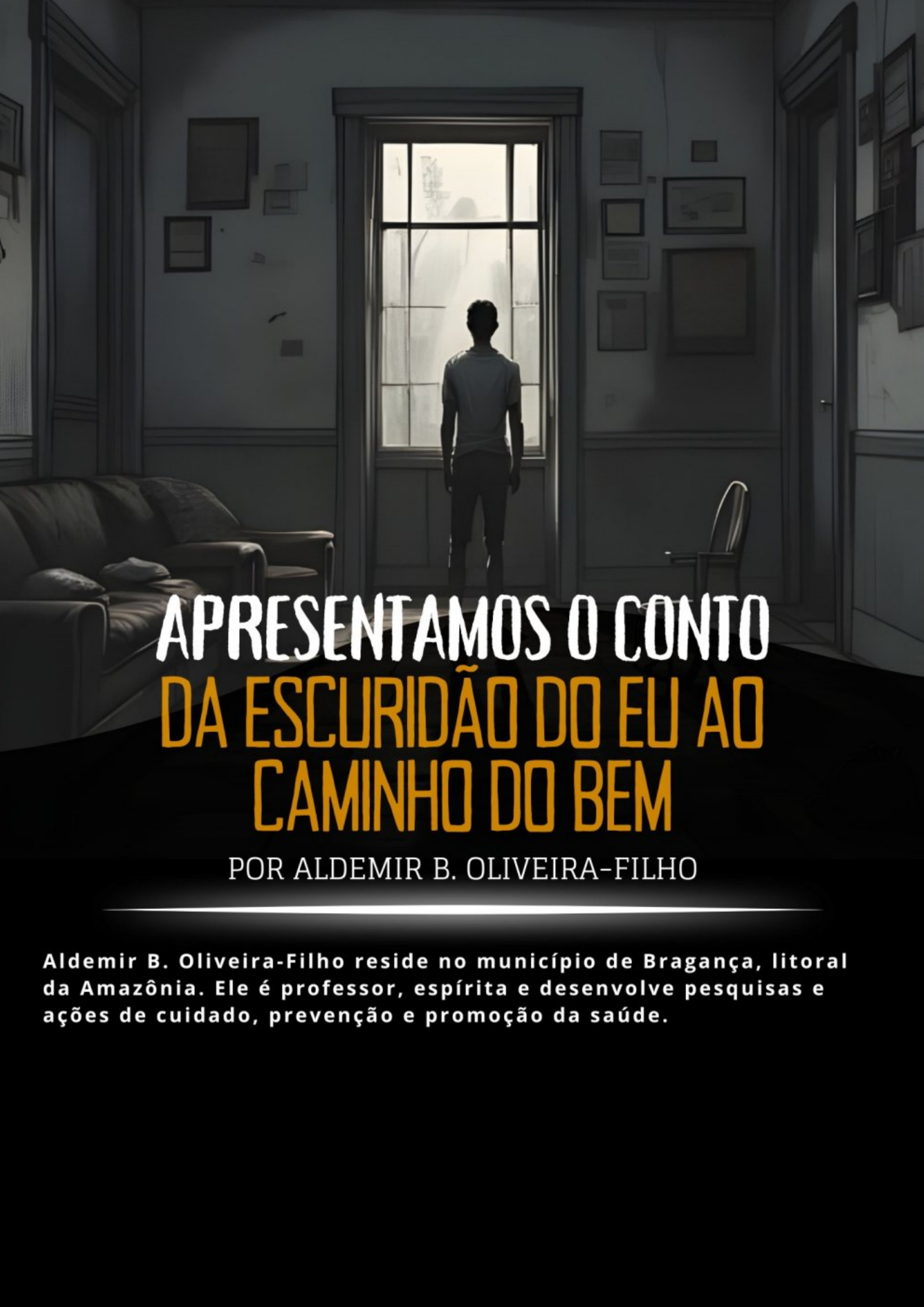


HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

VOLUME X

CONTOS E POEMAS
ONDE O MEDO GANHA PALAVRAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

A person stands in the center of a doorway, looking out at a bright, hazy landscape. The room is dimly lit, with a couch on the left and a chair on the right. The walls are covered with framed pictures and papers. The person is silhouetted against the bright light coming from the doorway.

APRESENTAMOS O CONTO DA ESCURIDÃO DO EU AO CAMINHO DO BEM

POR ALDEMIR B. OLIVEIRA-FILHO

Aldemir B. Oliveira-Filho reside no município de Bragança, litoral da Amazônia. Ele é professor, espírita e desenvolve pesquisas e ações de cuidado, prevenção e promoção da saúde.

Henrique aprendeu cedo a admirar a própria imagem. Desde jovem, cultivou a certeza de que era superior: mais inteligente, mais capaz, mais merecedor. O mundo, para ele, dividia-se entre os que mandam e os que obedecem. Ajudar alguém só fazia sentido quando rendia aplausos; amar, apenas quando não exigia renúncia. Orgulhoso e egoísta, caminhava pela vida como quem atravessa uma terra conquistada. Ele ria das ideias espirituais. Dizia que a morte era o ponto final e que o medo do nada explicava todas as crenças.

No fundo, porém, evitava o silêncio. Quando a noite chegava e os ruídos cessavam, algo o incomodava, uma inquietação sem nome, que ele abafava com trabalho, dinheiro e vaidade. Tudo começou a mudar numa madrugada abafada, quando acordou com a sensação de estar sendo observado. O quarto estava mergulhado em sombras densas, e o relógio marcava um horário impossível, como se o tempo tivesse parado.

Tentou se mexer, mas o corpo não respondia. Um arrepio tomou-lhe o corpo, e um medo primitivo tomou conta de sua mente. Pela primeira vez, sentiu-se pequeno. As sombras pareciam se mover pelas paredes, alongando-se como mãos silenciosas. Henrique tentou gritar, mas nenhum som saiu. Em meio ao pânico, imagens surgiram diante dele: pessoas que haviam cruzado seu caminho, rostos marcados por tristeza, humilhação e abandono. Não eram lembranças comuns, ele sentia a dor delas como se fosse sua. A angústia era sufocante.

Quando finalmente despertou, estava encharcado de suor. O dia clareou, mas o terror permaneceu. As noites seguintes trouxeram experiências ainda mais perturbadoras. Em sonhos, ou algo além deles, caminhava por corredores escuros, semelhantes a antigos hospitais abandonados. Portas rangiam, e atrás de cada uma surgia uma cena de sua própria história, revelando atos que ele tentava esquecer. O eco de passos invisíveis o acompanhava, e uma sensação de julgamento silencioso pesava no ar.

— Isto não é punição, é aprendizado! Sussurrava uma voz grave e serena, vinda de lugar nenhum.

Henrique acordava tomado por um medo profundo da morte. E se ela não fosse o fim? E se a consciência sobrevivesse, carregando consigo tudo aquilo que fora ignorado? Essa ideia o aterrorizava mais do que o nada. A angústia passou a visitá-lo também

durante o dia, tirando-lhe o apetite e o sono. Pela primeira vez, questionava quem realmente era.

Certa noite, a experiência foi ainda mais intensa. Sentiu-se fora do corpo, observando a si mesmo deitado, frágil e vulnerável. Ao redor, uma escuridão espessa pulsava, não ameaçadora por violência, mas por verdade. Nela, figuras humanas envoltas em névoa, surgiram sem rostos definidos. Não o acusavam, não gritavam, apenas olhavam.

Esse silêncio o apavorou mais do que qualquer condenação. Então uma presença luminosa se fez sentir, suave e firme ao mesmo tempo. Não havia imposição, apenas clareza. Henrique compreendeu, sem palavras, que o espírito é imortal e que a vida física é apenas uma etapa da aprendizagem. O medo que sentia não vinha de fora, mas de dentro: era o reflexo de uma consciência que começava a despertar.

— O orgulho te isolou, e o egoísmo te empobreceu. Mas ainda há tempo! Dizia a presença, como pensamento.

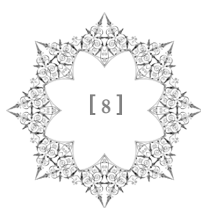
Ao retornar ao corpo, Henrique chorou. Não de desespero, mas de reconhecimento. As experiências sombrias não cessaram imediatamente, mas mudaram de tom. Agora, cada situação de medo vinha acompanhada de uma oportunidade de reflexão. A angústia já não era inimiga; tornara-se mestra severa.

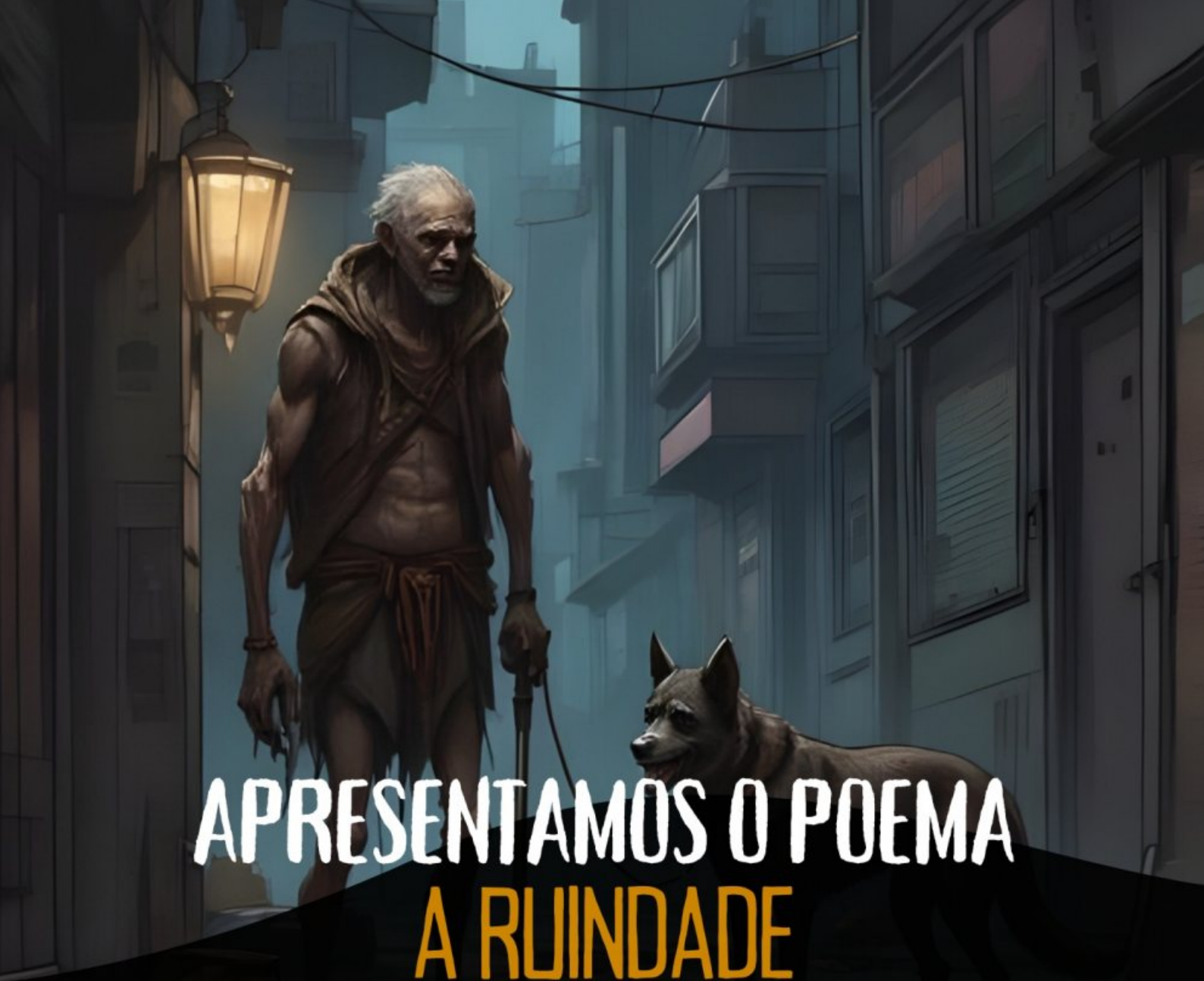
Henrique buscou por auxílio, aproximou-se de estudos espíritas, ouviu sobre a lei de causa e efeito, sobre a vida como escola, sobre o bem como exercício consciente. Nada foi fácil. Olhar para si exigia coragem maior do que comandar empresas ou vencer disputas. O autoconhecimento revelou fraquezas, inseguranças e carências que ele sempre escondera sob a máscara do poder.

Começou, então, a agir diferente. Gestos sutis: pedir perdão, ouvir sem ironia, ajudar sem esperar retorno. Cada atitude sincera parecia dissipar um pouco das sombras interiores. As noites tornaram-se mais tranquilas, e quando o medo surgia, já não vinha acompanhado de terror, mas de alerta.

Henrique compreendeu que a imortalidade do espírito não é promessa de conforto imediato, mas de responsabilidade contínua. Viver é aprender; sofrer, muitas vezes, é ser educado. O bem deixou de ser obrigação moral e tornou-se necessidade íntima, caminho natural de quem entende que não está só no universo. Ainda havia sombras em sua

caminhada, porque o aprendizado não termina. Mas agora ele sabia que nenhuma escuridão é eterna quando a consciência aceita aprender. E, assim, o homem orgulhoso começou, finalmente, a tornar-se fraterno.



An illustration of an old, muscular man with white hair and a beard, wearing a brown hooded cloak and a loincloth. He is holding a cane and looking down. A small, scruffy dog is standing next to him. The background is a dark, moody city street at night, with a glowing street lamp on the left and buildings on the right.

APRESENTAMOS O POEMA A RUINDADE

POR ANTÔNIO CARLOS RODRIGUES MARQUES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

E ele era ruim e ruim e ruim.

E continuou assim, até o seu pior fim.

A cadela maldita, sua companheira muito aflita, em fidelidade na sua ruindade, acompanhou lado a lado, como quem late em tom de escarlata... sim, não era esse o seu “bom” nome?

“Escarlate”, a cadela dos uivos negros, na noite dos desesperados (pobres coitados) ao parir filhos gêmeos (maldade e perversão), entregou-os em oblação à inspiração do ancestral(deles) Dragão.

Tão semelhantes foram aos seus devotados pais renegados que, em adolescência da pior inclemência, ao matarem aos dois da ruindade, a tarja preta que lhes colaram na campa do necrotério do cemitério foi a das letras dos vômitos de pus:

— Pais amaldiçoados, ruim e escarlata, por que agora não mais nos bates?

— Mãe traiçoeira, não querias ser a primeira?

— Pai ruim, não querias isto para o nosso fim?

Esses foram os bilhetes dos epitáfios que só os urubus das alturas rebaixadas podiam ler . . . porque, aos humanos parentes, o suicídio por velocidade acelerada pelo acelerador da desgraça, foi a que lhes abriu o caixão dessa vidraça. Dessa vidraça? Sim, aos humanos olhos, a morte dos dois (ruim e cadela) foi um acidente das estradas e o “seu suicídio” mais parecia um perfeito crime de homicídio.

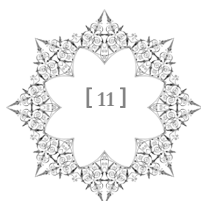
Os filhotes dessa união, maldade e perversão, ao tirarem a vida aos pais dessas animalidades, em se fazendo órfãos sem qualidades, nada mais fizeram do que cometer a “perfeição” dos de má inspiração. E, mais a mais, quem da cidade se interessaria em saber se aquela mocidade foi o punhal do final? O que importava, minhas aves dos vãos altaneiros, é que os rapinosos nada alterosos foram reduzidos em menos dois dos ataques que devoram e menos dois em crueldade que se avoluma.

Sei que direis: ora, isso tudo muito confuso não leva a tudo ficar na igualdade? Sim, o mal continuava o mesmo, em gênero e grau de matança, e a vocês, os das penas mais coloridas, **a vocês só resta fugir dessas dores sofridas e, ao dizer . . . Vade Retro Satana, rezar para esse manto fúnebre bem longe ir morar.**

Nós, as almas dos avisos.

Nós, os conselheiros das Aves Puras.

Nós, os que sabemos de tudo o que é impureza
sem beleza.





APRESENTAMOS O POEMA À DISTÂNCIA

POR AMILTON CONTÉ

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Magoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além)

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prêmio Literário Internacional Suisse Excellence

2025; Homenagem por mérito O Prêmio Afro events Luxemburgo

Sim sim falo o quanto é distante o ponto G
Nessa filosofia dos sentimentos ou sentido
Nessa balbúrdia que chamamos namorado
Quantos quilómetros até chegar ao ponto G

Sim falei em andar essa terra batida até ao G
Palavras finteí rosas cheirei versos sem nexo
Olhar embiocando as mentiras iguais ao lixo
Alongado o despertar dos sentimentos e o G?

Essa distância que se encontra a uma palma
Num libertar numa entrega dos corpo e alma
Assim o apelidei elevada dificuldade, ponto G

Não é tamanho que conduz ao prazer do G
Nem a fricção ida e volta penetrando o canal
É O libertar dos desejos mútuos convencional





APRESENTAMOS O CONTO ALÉM DO FINAL

POR BARTH VADER (FLAVIO JOPPERT)

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Com o fim da luta Imperial Darth Vader parte para uma Lua artificial onde uma população sobrevive do cultivo de algas cianofíceas para alimentação. A população é muito pobre. São agricultores que vivem sem liderança alguma. Atuando num ponto periférico da Galáxia. Lá é pouco conhecido. Logo encontra hospedagem numa estalagem. Algo semelhante a estalagem da Ilha do Tesouro, onde se esconde o mapa da fortuna.

Faz questão de quebrar seu sabre de luz. Vestígio da Ordem Jedi que o amaldiçoou. Sua infelicidade tinha chegado ao fim junto com a luta pelas forças imperiais. Aquele objeto era um anátema em sua vida. Concomitante com todo o sofrimento psíquico a que foi submetido.

Anda sem a capa. Mas mantém a roupa de proteção contra a radiação tóxica que a luz lhe provocava. Descansa num carte pobre, forrado com algo como o capim de telhado de algumas das casas do Planeta Terra.

A estalagem é pouco movimentada. Ele usa o tempo para considerar os fatos. Passados. Presentes. Começa a prever o futuro.

Vê que a Capitã sua amiga ainda gosta dele. Que seria possível um reencontro.

O processo de antecipação, muito embora considerado depressão. Tanto mostra que há um caminho de redenção com a amiga.

Mas sinais começam a chegar. O grupo inimigo que ele tanto combateu, tinha encontrado rastros de sua localização.

Frente a cena de linchamento que imaginava acontecer. Pensa em mudar o destino e por fim a própria vida. Se lançado sobre algum reator de energia e se desmaterializando.

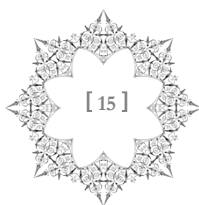
Mas pensa na amiga. No que seria a impressão nela descobrir que tinha posto fim a própria existência. Prefere esperar ao derradeiro fim, já indefeso.

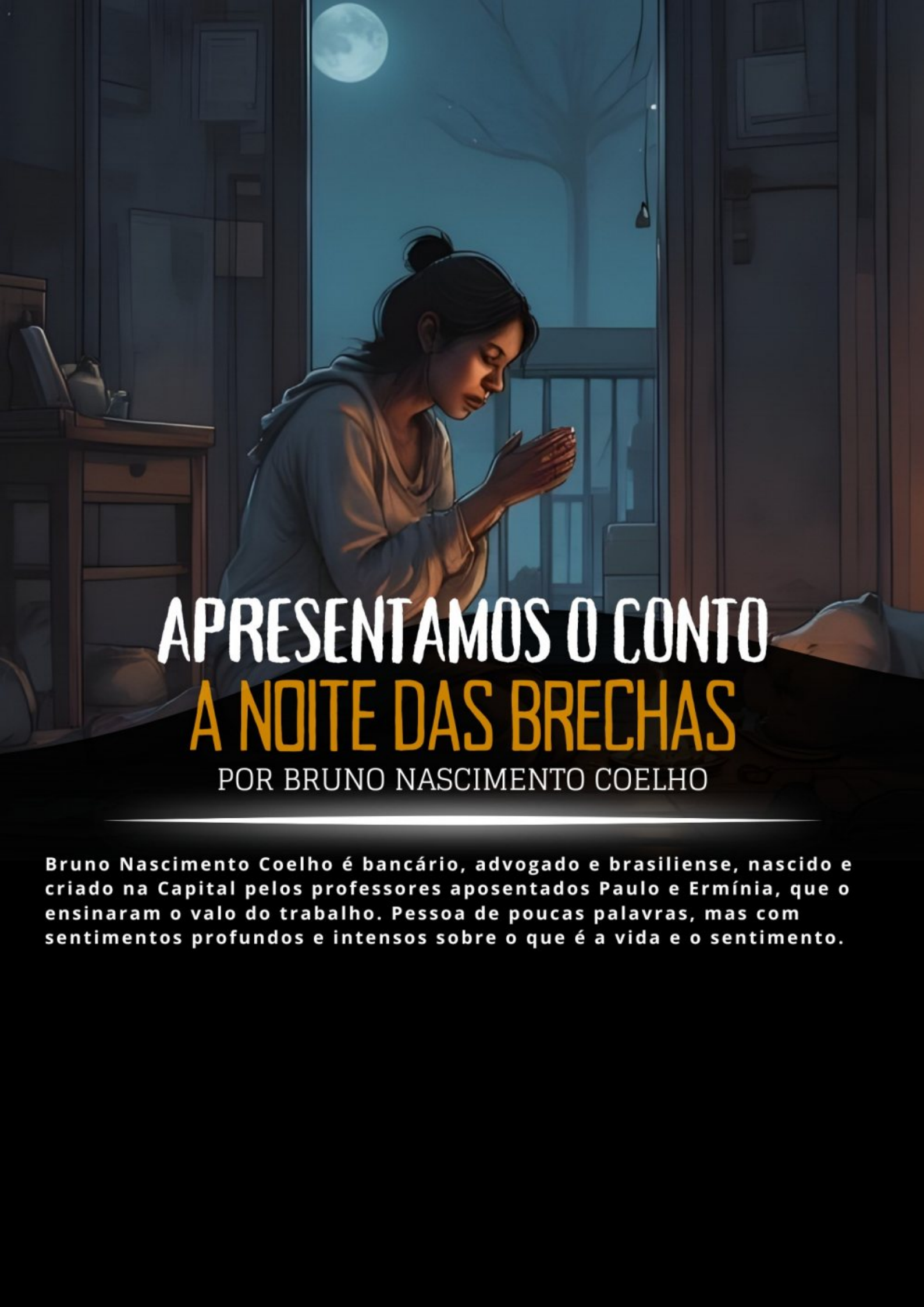
Meses passam, luas surgem no céu e desaparecem.

Até que uma nave carregada de tripulação sedenta por vingança, encontra pouso na plantação de procariontes.

Vader vê o destino se aproximar. Para não por fim ao sentimento de amizade naquela forma desesperada, deixa-se ser linchado como um porco. Quase que literalmente como a visão, para que a amiga, caso chegasse a checar os dados, encontrasse que pelo menos ele não foi de uma forma covarde.

A justiça que eles praticavam era a mesma que combatiam em Palpatine. A Ordem Jedi, em certo sentido não tinha o bom senso em não atravessar o destino das pessoas...





APRESENTAMOS O CONTO A NOITE DAS BRECHAS

POR BRUNO NASCIMENTO COELHO

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasileiro, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.

O apartamento em Águas Claras não era um lar; era uma catedral de silêncios punitivos e ângulos retos. Naquela noite de Halloween, o 22º andar parecia flutuar isolado do mundo, enquanto lá embaixo, o riso das crianças fantasiadas subia como uma afronta.

Maria, aos 47 anos, não rezava; ela sitiava o céu. Ajoelhada na sala, o terço enrolado nos dedos como uma corrente, ela mantinha o áudio do YouTube com orações de libertação em um volume ensurdecador. Para ela, o Halloween não era uma brincadeira, mas a "Noite das Brechas", o momento em que o Mal buscava qualquer rachadura na armadura da família.

Cid, o marido de 44 anos, sentia cada nota estridente do louvor como uma agulha em seu cérebro. Para um homem autista, aquela cacofonia religiosa era uma tortura física, uma sobrecarga sensorial que Maria chamava de "resistência do inimigo". Ele se refugiara no quarto mais cedo, a depressão pesando como chumbo, tentando se agarrar à pequena vitória do dia: dois de seus contos de terror haviam sido publicados.

— Pai? — a voz de William, 10 anos, era um sussurro doce na penumbra do quarto.

Cid sorriu, o único sorriso genuíno que lhe restava. William era puro, o único que ainda o via sem o filtro do julgamento.

— Eu vou escrever também, pai — William disse, os olhos brilhando. — Em comemoração ao Halloween, vou fazer meus próprios contos. Vou mandar uma mensagem no grupo da família para eles saberem!

— William, não... — Cid tentou avisar, mas a inocência do menino foi mais rápida.

O silêncio que se seguiu à mensagem de voz foi mais aterrorizante que o louvor.

Minutos depois, a porta do quarto se abriu. Maria entrou, seguida por Laura, de 12 anos. Laura não parecia uma criança; com seu sorriso doce e olhos gélidos, ela era a extensão perfeita do ego da mãe.

— O maligno deu o bote — Maria murmurou, a voz de uma calma sobrenatural e ameaçadora. — Ele usou a boca do meu caçula para profanar.

Sem uma palavra para Cid, elas levaram William para o outro quarto. Cid tentou levantar, mas a desregulação emocional o paralisou. Logo, os gritos começaram. Não gritos de dor física, mas o choro incontável de uma criança sendo convencida de que sua alma estava apodrecendo. Cid arrastou-se até o corredor. A cena no quarto era digna de uma inquisição medieval.

William estava ajoelhado no chão duro, as mãos pequenas juntas, soluçando enquanto implorava perdão para não ir para o inferno.

— Maria, pare com isso! É só uma criança! — Cid gritou, a voz falhando.

Laura virou-se para ele. A doçura em seu rosto era um verniz para uma crueldade absoluta.

— O senhor só abre a boca para amaldiçoar, pai — Laura disse, a voz serena e terrível. — O senhor está dando brecha para o racionalismo. O Espírito Santo revelou à mamãe que Satanás estava esperando o William.

— Vocês estão torturando o menino! — Cid avançou, mas Maria se colocou à frente, o terço erguido como uma arma.

— Eu luto tanto para manter esta família sob a luz, e você insiste em trazer as trevas para dentro — Maria disse com um suspiro de mártir, praticando o gaslighting que era sua segunda natureza. — William deve decidir: ou o Mal que você escreve, ou Deus. A decisão é dele.

William, em um estado de terror absoluto, abraçou as pernas da mãe.

— Eu nunca mais vou comemorar, mamãe! Eu prometo! Em nome de Deus!

Maria olhou para Cid com um triunfo frio. Naquele momento, Cid sentiu o "Brilho" — aquela percepção aguçada e dolorosa — romper sua mente. Ele não viu apenas a esposa e a filha; ele viu o que as habitava. Era uma força antiga, uma ignorância folclórica que se alimentava de subserviência e medo, uma sombra que transformava o amor em uma cela. Cid recuou para seu escritório, o coração batendo como um animal enjaulado. Ele pegou seus manuscritos. Se o mundo delas era feito de dogmas e sombras, o dele seria feito de palavras que queimam. Ele começou a escrever. A caneta riscava o papel com uma violência psicocinética.

Lá fora, o vento de Brasília uivava entre os prédios de Águas Claras. No apartamento, o louvor recomeçou, ainda mais alto. Maria e Laura cantavam em línguas, um som que não parecia mais humano, mas como o rosar de algo que acabara de devorar uma alma.

A alma de Cid ardia. Ele percebeu que, para salvar William daquela "religião cega", ele teria que se tornar o monstro que elas tanto temiam. Naquela noite de Halloween, as máscaras não caíram; elas se fundiram à pele.

Enquanto Maria "expulsava o Mal" com orações, Cid, no escuro do escritório, terminava seu conto. O papel parecia pulsar. Ele entendeu, finalmente, o que Robert

Eggers e Ari Aster sempre souberam: o verdadeiro terror não vem do inferno, mas da mesa de jantar, onde o amor é condicional e a fé é um martelo.

O dia seguinte não trouxe a luz do sol para o interior do apartamento em Águas Claras; trouxe apenas uma claridade cinzenta e doentia que parecia destacar as partículas de poeira suspensas no ar, como se a própria atmosfera estivesse em decomposição.

Maria não dormira. Ela passara a madrugada preparando o que chamava de "O Cerco de Jericó Doméstico". Para ela, o colapso emocional de Cid e o terror de William não eram sinais de trauma, mas a prova de que as "fortalezas do inimigo" estavam finalmente ruindo.

Inspirado pelo horror visceral e hereditário de Ari Aster, o desfecho desta vigília se desenrola abaixo:

Às seis da manhã, Cid foi despertado não pelo despertador, mas pelo som de algo sendo arrastado contra o piso de porcelanato. Ao abrir os olhos, encontrou Maria e Laura paradas aos pés de sua cama. Ambas vestiam branco. Laura segurava um crucifixo de madeira pesada, e Maria portava um frasco de água benta que ela mesma "exorcizara" com sal.

— O Espírito Santo não me deu descanso, Cid — murmurou Maria, sua voz desprovida de qualquer calor humano, uma calma que ecoava a psicose de uma fé que perdeu a fronteira com a sanidade. — William confessou. Ele disse que você plantou sementes de histórias malditas na mente dele. Que você quer que ele veja o que você vê.

Cid tentou se levantar, mas a sobrecarga sensorial de ver as duas figuras monolíticas bloqueando sua saída disparou uma crise de pânico autista. Sua mente, exausta pela depressão, começou a fragmentar-se.

— Cadê o William? — ele engasgou.

— Ele está sendo purificado — respondeu Laura com um sorriso que não atingia os olhos, uma expressão de doçura venenosa que lembrava a frieza de um executor. — Ele está no banheiro, lavando a língua com sabão bento para tirar o gosto das suas palavras de Halloween.

Maria não esperou reação. Ela conduziu a "procissão" até o pequeno escritório de Cid. Com uma eficiência cirúrgica, ela começou a retirar os livros de história das religiões e os manuscritos dos contos das prateleiras.

— "A verdadeira fé liberta", você dizia — Maria citou, distorcendo as palavras de Cid com um escárnio piedoso. — Mas veja como você está preso. Preso na sua própria mente,

no seu orgulho letrado. Se o teu olho te faz pecar, arranca-o. Se os teus contos te fazem perder a alma, nós os queimaremos.

Neste momento, o terror tornou-se físico. Maria derramou o conteúdo de um vidro de álcool sobre os originais dos contos que Cid acabara de publicar. O cheiro do solvente inundou o quarto, atacando o olfato sensível de Cid como uma agressão química.

Como em Hereditário, onde o trauma se manifesta em atos de autoflagelação e destruição familiar, a cena atingiu o ápice quando William foi trazido para o recinto. O menino estava pálido, os lábios vermelhos e irritados pelo sabão, os olhos vazios de qualquer brilho de curiosidade. — William, meu filho, olhe para o seu pai — ordenou Maria. — Veja o que acontece com quem guarda segredos com o Mal.

Laura acendeu um fósforo. A chama refletiu-se em suas pupilas dilatadas. Ela não hesitou. O fogo consumiu as páginas, e as palavras de Cid — seu único refúgio, sua única forma de terapia — transformaram-se em cinzas negras que flutuavam pelo escritório como borboletas mortas.

Cid soltou um grito, mas o som foi abafado por Maria e Laura, que começaram a rezar em línguas (glossolalia) em um volume ensurdecador, cercando-o, tocando-o com mãos frias, imobilizando-o em um "abraço de oração" que parecia um estrangulamento.

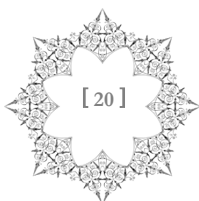
O fogo se apagou, deixando apenas o cheiro de papel queimado e o som do choro rítmico de William, que agora repetia, como um mantra automático: "Eu renuncio... eu renuncio... eu renuncio".

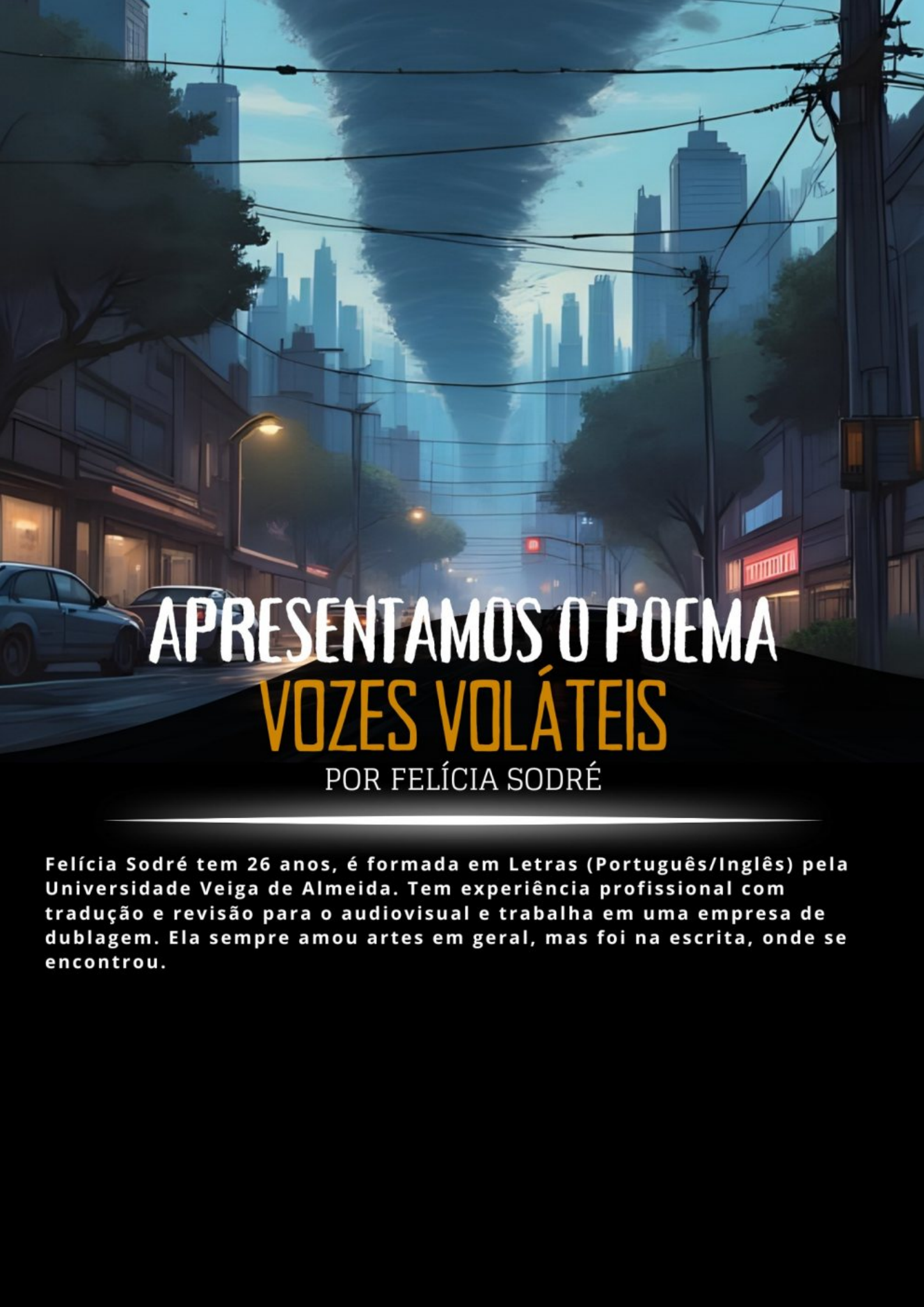
Maria inclinou-se sobre o ouvido de Cid, que estava caído no chão, em posição fetal, atingido por um colapso total.

— Agora você está limpo, querido — ela sussurrou, acariciando o cabelo dele com uma ternura aterrorizante. — Não há mais contos. Não há mais dúvidas. Só existe a vontade de Deus. E a minha vontade é a d'Ele.

O verdadeiro horror não foi o fogo ou os gritos. Foi o olhar que William dirigiu ao pai antes de sair do quarto seguindo a irmã: um olhar de julgamento frio e distante, o olhar de quem fora ensinado a odiar o que amava em nome de uma salvação que parecia o próprio inferno.

A noite de terror terminara, mas a alma de Cid agora era uma terra arrasada, onde nada mais cresceria além do silêncio e da subserviência total.





APRESENTAMOS O POEMA VOZES VOLÁTEIS

POR FELÍCIA SODRÉ

Felícia Sodré tem 26 anos, é formada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Veiga de Almeida. Tem experiência profissional com tradução e revisão para o audiovisual e trabalha em uma empresa de dublagem. Ela sempre amou artes em geral, mas foi na escrita, onde se encontrou.

Vozerio de vozes voláteis
Vindo de vastas avenidas
Ventando e deixando esquecidas
O vácuo e paz de jeitos nada sensíveis

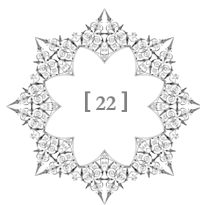
As vozes voam e pairam nos ventos
Eram lentas e se tornaram velozes
De calmarias a tormentos
O caos se instaurou e tornou ferozes
As visões daqueles que ali viviam
E daqueles que aos poucos surgiam.

Os ventos vasculham e avivam
O silêncio e se vestem
Com um som vultuoso, e abafam
O ambiente e aos corações estremecem.

Velhas vozes do além
Desorganizam a mente
De quem a escuta com desdém
Quase como um entorpecente

Ventania de informações
Sons de um amargor áspero
Sessões de sermões e preocupações
Que despertam das vísceras desespero.

Todos escutam esses vozerios
Cabe a cada um os acolher
Caso contrário se tornarão destruidores
No fim das contas basta ouvir e escolher.





APRESENTAMOS O POEMA **PESADELO REAL**

POR FELÍCIA SODRÉ

Felícia Sodré tem 26 anos, é formada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Veiga de Almeida. Tem experiência profissional com tradução e revisão para o audiovisual e trabalha em uma empresa de dublagem. Ela sempre amou artes em geral, mas foi na escrita, onde se encontrou.

Ao deitar em minha cama
Cubro-me com cobertas quentes e pesadas
Porém, o peso maior me chama

Sinto atropelamentos de intragáveis mágoas
Ansiedades soluçantes taquicardia me causam
arrependimentos em reprises me sugam

Percebo fraquezas sombrias e grudentas
Ouço um silêncio amargo e horripilante
Tenho crença no pior e faço viagens desesperadoras
Para o possível amanhã e para o tempo precedente

Meu pesadelo real tem nome
Se chama insônia
É pior do que ficar apático ou perder a fome
Porém, isso igualmente me tira a harmonia





APRESENTAMOS O CONTO SOBRE A CURA, PLENA, PLANA E LEVEMENTE ASSOMBRADA

POR LUIZ OTÁVIO

**Luiz Otávio D. Pinheiro, engenheiro com especialização em Business e em RH. Escreve textos de humor reflexivo. Tem publicado "Sexo, Mulheres e Ecologia" e "Positivamente" pela editora Litteris. Músico, pesquisador e palestrante sobre The Beatles, faixa preta de judô e ex remador. Tem curso de detetive particular e de salva-vidas e foi aprovado em ambos.
E-mail: mktstudio41@gmail.com**

Trata-se de uma cura promovida nos níveis mais profundos da existência — tão profundos que alguns pacientes juram ter ouvido o eco da própria alma pedindo “volta, volta!”. Ela emerge da calma absoluta: do instintivo e do inanimado, do pouco animado e do francamente desanimado (aquele estado em que até a planta da sala desiste de crescer).

É um processo hermético, simétrico, geométrico e estranhamente rimado, como um poema antigo encontrado num porão úmido, escrito em sangue... ou ketchup, ninguém sabe ao certo. Conta com a atuação de mestres, arcanjos e marmanjos de procedência duvidosa, correntes (de ferro mesmo, nada simbólico — faz barulho), entidades médicas, xamãs e aquele tio que “entende dessas coisas”.

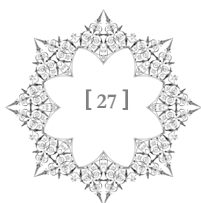
O processo envolve ainda seres interplanetários do alto comando — ascensionados, distensionados e alguns claramente estressados — que aparecem apenas em noites de lua cheia ou quando o Wi-Fi espiritual está funcionando. Tudo isso sob a maestria absoluta do quinto raio e do terceiro diâmetro da ciência, aquela da verdadeira verdade: sem mentiras, sem meias verdades e sem aquela desculpa improvisada “foi mal, me enganei” abanando a fumaça proveniente de uma explosão na sala escura, para afastar monstros, que não deu certo.

A prática exige concentração extrema, percepção aguçada, uma pitada de disrupção e a temida franja afã — que surge inesperadamente e nunca combina com o rosto do iniciado.

O comando é orientado pelo mestre supremo Tairan Tai-Pai-Pun, figura solene que fala pouco, observa muito e às vezes aparece atrás de você sem fazer barulho. Auxiliam-no os ecléticos, os arqueiros, a mãe da Maria (sempre ela) e todos os iniciados deste comando — incluindo os primos da Maria de primeiro e segundo graus, alguns dos quais ninguém lembra exatamente quando chegaram... ou se já foram embora.

As sessões são indicadas mediante sinais, sonhos estranhos ou objetos, gemidos e súplicas (tirem-me daqui) que mudam de lugar sozinhos. São realizadas por meio da emanção intensiva de amor conduzida por missionários e visionários, sempre sob a orientação do Conselho Espectral das Emanações da Ordem Mór-As-Tampan, que se reúne em silêncio absoluto — exceto por ocasionais gemidos outros vindo de não se sabe onde (do além?, do aquém?) e uma gargalhada das boas tipo das bruxas iniciadas, fora de hora, porque nem o terror resiste a um bom senso de humor.

Ao final do processo, que pode ser online ou presencial (de preferência), a cura é plena, plana e irrevogável — pelo menos é isso que está escrito no pergaminho.





APRESENTAMOS O CONTO SÍTIO MACABRO

POR MARCOS COSTA MELO

Marcos Costa Melo é escritor, professor, funcionário público e doutor em História Social, com ênfase em História da Saúde Mental e História do Cinema. Foi premiado na Jornada Literária de Passo Fundo, no concurso de contos Josué Guimarães e participou de outras antologias. Carioca, reside em Santa Catarina há quase 30 anos e é apaixonado por Flamengo, história, cinema e literatura, mas é apaixonado mesmo pela Fabiana e pelo cão Hulkinho.

O ar da manhã em Santa Catarina era crispado e úmido, carregado com o aroma da terra molhada e o doce perfume das flores silvestres. No Sítio Amanhecer, essa sinfonia de cheiros era a trilha sonora perfeita para a rotina matinal de Ana e Marcelo. Ele, com seus trinta e poucos anos, exibia a barba por fazer e os olhos cansados de quem acorda antes do sol. Ela, um ano mais nova, vestia roupas confortáveis e um sorriso calmo que escondia a inquietude que a vida no sítio lhe trazia.

O sítio era um refúgio de paz aparente, escondido no meio de uma vasta mata atlântica. A propriedade, herdada da família de Marcelo, era um oásis de serenidade, onde a vida parecia seguir um ritmo mais lento e harmonioso. Eles viviam numa casa de madeira rústica, cercada por um jardim bem cuidado e uma horta orgânica, onde plantavam o próprio alimento. O quintal era um zoológico improvisado, com o Shih Tzu Toby, um pequeno e peludo guardião da casa, e os dois pastores alemães, Bóris e Ulisses, que espreitavam a floresta com seus olhos alertas.

O principal sustento do casal vinha da pequena cabana de madeira, que eles alugavam para turistas em busca de tranquilidade. A cabana, com sua varanda com vista para o lago, era um refúgio para casais em busca de um fim de semana romântico, famílias em busca de um contato com a natureza ou mochileiros em busca de uma pausa na longa jornada. Ana e Marcelo, sempre cordiais e hospitaleiros, eram a personificação da vida no campo. Ofereciam café fresco, frutas da estação e, para os mais aventureiros, um passeio de canoa pelo lago. A maioria dos hóspedes, a grande maioria, ia e voltava em paz. Apenas alguns, a cada poucos meses, pareciam desaparecer no ar. O sumiço era sutil, sem alarde, apenas mais um mistério de uma floresta vasta e impenetrável.

O motivo por trás desses desaparecimentos estava no coração da propriedade, um segredo que Ana e Marcelo guardavam a sete chaves: o lago. O lago, que brilhava sob a luz do sol, era o lar de um jacaré, o grande e temido Apolo. Apolo, nome dado por Marcelo, era um predador silencioso e paciente, um elo esquecido na cadeia alimentar. Para Ana, Apolo era uma aberração, uma mancha em seu paraíso. Para Marcelo, Apolo era a manifestação de um desejo profundo e sombrio, um passatempo macabro que a vida pacata no sítio não conseguia apagar.

A rotina da cabana seguia tranquila, até a chegada de um novo casal: Helena e seu marido, que trouxeram consigo um bebê recém-nascido. O casal de hóspedes era jovem e radiante, a felicidade de pais de primeira viagem estampada em seus rostos. Helena era doce e sorridente, e seu marido, um homem calado de ombros largos, carregava o bebê

com o cuidado de quem protege a joia mais preciosa. Para Ana e Marcelo, a presença do bebê na propriedade era uma novidade. O sítio, que costumava ser um refúgio para casais e aventureiros, agora abrigava a frágil e inocente vida de uma criança.

No final de semana, a energia do sítio mudou. A alegria de Helena e seu marido era contagiante, e Ana sentia a dureza de sua vida se desvanecer. Ela se sentia conectada à felicidade do casal, e a presença do bebê lhe trazia uma ternura esquecida. A cada risada de Helena, a cada balbuciar do bebê, Ana sentia um calor no peito, uma sensação de que a vida poderia ser, de fato, boa e simples. No entanto, o calor que aquecia o coração de Ana parecia congelar o de Marcelo.

Uma noite, enquanto o casal de hóspedes dormia, Ana e Marcelo estavam na varanda, observando as estrelas. O silêncio era profundo, quebrado apenas pelo canto noturno dos grilos e do farfalhar das folhas.

"Ana", Marcelo sussurrou, a voz carregada de uma excitação sombria, "não seria perfeito?"

"O quê?", Ana perguntou, o coração acelerado.

"O bebê", ele disse, seus olhos brilhando sob a luz da lua. "Apolo estaria tão feliz. Um presente tão bonito..."

As palavras de Marcelo foram como uma facada em Ana. O desejo de Marcelo de sacrificar uma criança inocente era o ápice de sua crueldade, a gota d'água que transbordava o balde de uma vida de cumplicidade silenciosa. A ternura que Ana sentiu pelo bebê se transformou em uma raiva feroz, uma fúria que ameaçava explodir.

"Você enlouqueceu, Marcelo?", ela perguntou, a voz trêmula, mas firme. "Você não pode estar falando sério."

"É apenas mais um, Ana", ele respondeu, a voz cheia de desdém. "Não faz diferença. É o ciclo da vida. Apolo precisa se alimentar."

As palavras de Marcelo ecoaram no ar da noite, um som cruel e desumano que quebrou o silêncio da mata. O desejo de Marcelo de sacrificar o bebê era a linha que Ana não estava disposta a cruzar. A sua alma, que por tanto tempo esteve emaranhada na escuridão de Marcelo, finalmente encontrou a sua própria luz, a luz da compaixão e do amor.

No dia seguinte, enquanto o sol se punha, o casal de hóspedes se preparava para ir embora. O bebê, embalado nos braços de Helena, era a imagem da inocência. Marcelo, com um sorriso cínico, se aproximou do bebê, a mão estendida, a intenção macabra

brilhando em seus olhos. Ana, que observava a cena de longe, correu em direção a eles, o coração batendo forte no peito.

"Não, Marcelo!", ela gritou, a voz cheia de pavor.

Marcelo a ignorou, os olhos fixos no bebê. Helena, assustada com a tensão no ar, se afastou de Marcelo, agarrando o bebê com mais força. Ana, vendo a maldade nos olhos de Marcelo, tomou a decisão que mudaria sua vida para sempre. Ela se jogou na frente dele, impedindo-o de chegar perto do bebê.

A fúria de Marcelo se voltou para Ana. "Saia da minha frente, sua tola!", ele gritou.

"Não vou deixar você fazer isso", Ana respondeu, o rosto banhado em lágrimas.

A briga se intensificou, as vozes ecoando pelo sítio. O marido de Helena, vendo a briga, tentou intervir, mas foi empurrado por Marcelo. Helena, assustada, se escondeu com o bebê nos braços, aterrorizada com a cena. Ana e Marcelo, em sua própria bolha de fúria e desespero, lutavam como animais.

A luta se arrastou até a beira do lago. Marcelo, em um movimento de fúria, tentou empurrar Ana, mas ela, com uma força que não sabia que tinha, desviou-se e o empurrou em sua direção. Marcelo, desequilibrado e pego de surpresa, caiu no lago. O som do corpo batendo na água foi um som de terror, um som que ecoou na noite.

Ana observou, em choque, enquanto a água se agitava. O som de um grito abafado, seguido por um silêncio assustador, era tudo o que se podia ouvir. Apolo, o jacaré silencioso e paciente, tinha encontrado sua última refeição. Marcelo, o homem que tanto amava Apolo, tinha se tornado seu alimento.

Foi até a sua casa e voltou com uma espingarda. Helena e seu marido estavam paralisados pelo medo. Ana apontou a arma para os dois.

"Não posso deixar vocês irem embora", disse.

Helena começou a gritar. Seu marido tentou avançar sobre Ana, mas foi baleado.

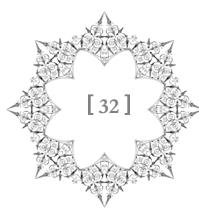
Ela olhou para Helena, com o bebê no colo, desesperada.

Pediu que Helena colocasse a criança no chão, mas ela não obedeceu.

Ana se aproximou, apontou para a cabeça de Helena e disparou.

Jogou o corpo do casal no lago e apertou o bebê contra o peito, o pequeno corpo quente e inocente a confortando. Ela olhou para o lago, para o lugar onde Marcelo havia desaparecido, e sentiu o peso de sua escolha. Mas não era um peso de arrependimento, e sim um peso de alívio, de uma liberdade que ela havia conquistado.

Ana, com o bebê nos braços, afastou-se da casa e da cabana, deixando para trás os cachorros, a horta, os corpos e o lago, que agora era seu túmulo. Ela caminhou pela estrada de terra batida, o rosto iluminado pela luz da lua, o som de seus passos e do choro do bebê se misturando aos sons da floresta. O Sítio Amanhecer, que um dia foi um refúgio de paz, agora era um túmulo silencioso, um segredo que a natureza guardaria para sempre.



An illustration of a woman in a red kimono and a samurai in armor standing in a traditional Japanese room. The woman is on the left, wearing a red kimono with a white obi. The samurai is on the right, wearing dark armor with a distinctive helmet. They are standing in front of a large, arched doorway. A small framed calligraphy scroll hangs on the wall between them. The title 'APRESENTAMOS O CONTO' is written in white, and 'O SOM DOS OSSOS' is written in yellow below it.

APRESENTAMOS O CONTO O SOM DOS OSSOS

POR MARIANA AKIMOTO

Mariana Akimoto é um típico exemplo do signo de Áries, bruxa em ascensão, escritora ~~ainda~~ amadora e formada entusiasta de design. Não tem muito para contar sobre mim mesma, não tem títulos pomposos ou nomenclaturas, muito menos longas listas de conquistas profissionais, mas sempre enxergou na escrita uma forma de se expressar; de colocar a sua assinatura no mundo. Acredita no universo e no que ele tem para trazer (sejam coisas boas ou ruins), assim como acredita que todos tem um lugarzinho especial reservado só para si. Uma pessoa de opinião forte, dura quando precisa ser, que gosta de debater e aprender coisas novas, de estudar culturas e ambientes diferentes. E que, por fim, encontrou na literatura um espaço de expressão para as loucuras da sua cabeça como em nenhum outro lugar.

Quando a companhia Tsukikage, famosa e especializada em espetáculos Bunraku — que consistia em um teatro de bonecos realistas e articulados, feitos de madeira, onde vários artistas vestidos de preto controlavam a movimentação dos diminutos atores inanimados desde o tronco às extremidades —, chegou na pequena e longínqua vila japonesa onde eu morava na infância, foi quase como uma célebre comemoração. Minha amiga Yuki, com seu inconfundível lacinho turquesa entrelaçado aos cabelos castanhos, foi a primeira a perceber; fez um alarde, pulou, gritou, e todos vieram recepcionar o comboio itinerante, carregando consigo histórias fantásticas que alegravam o caminho por onde passavam.

Nenhum deles sorria. Na verdade, a expressão no rosto alheio era tão apática quanto uma máscara. Demorei a entender que não era. Quando me aproximei, puxada pelo quimono pela Yuki, em nossos oito anos, percebi que se tratava meramente de maquiagem. Descobrir isso deveria aplacar o meu coração inquieto, mas alguma coisa dentro de mim não sossegou por completo. Não o suficiente, entretanto, para não ser pega, mesmo que um pouquinho, pelas cores, pela magia, pelo mistério dos movimentos performáticos que os artistas executavam ao preparar o palco no centro da nossa pequena cidade.

Era estranho vê-los trajando roupas tão escuras para uma manhã tão equivalentemente clara. Destacavam-se na multidão como manchas feitas sem querer. Seus quimons, gastos nas barras, manchados de poeira e algo mais antigo, impregnado no tecido, exalavam um cheiro muito peculiar.

Falavam pouco, apenas o necessário para negociar com o chefe da vila o espaço na praça e o horário da apresentação. Ainda assim, mesmo esguios, era impossível ignorá-los. Havia algo estranho na maneira como se moviam — coordenados, cuidadosos, quase reverentes demais —, como se cada passo fosse parte de um ensaio secreto.

As crianças, é claro, não tiveram a mesma sensação. Yuki constantemente me arrastava até eles, embasbacada, enquanto meu olhar era engaiolado pelos caixotes de madeira sendo descarregados e de onde escapavam estalos pontuais, rangidos ritmados, feito articulações velhas e endurecidas pelo tempo.

Em contraplano, os adultos observavam à distância, embebidos por uma curiosidade cautelosa. Alguns cochichavam. Outros se mostravam empolgados, dando risada, lembrando singelas brincadeiras de criança da sua época, alicerçadas por

bonecos feitos de palha e barro. Histórias criadas e alimentadas por imaginações férteis a fim de escapar de uma cultura extremamente rígida e que costumava esmagar fantasias utópicas que escapassem do que se está destinado a se cumprir; que contrariava a “vontade dos deuses”.

O teatro foi montado antes do pôr do sol. Um palanque simples, de madeira escura e longa, adornado de cortinas vermelhas carcomidas nas pontas e desbotadas pelo tempo. Não havia cartazes ilustrados nem folhetos de divulgação, apenas um véu pendurado à frente com símbolos antigos pintados à mão. Eu não os reconheci, mas senti um desconforto estranho ao encará-los — meus olhos deslizavam pelas linhas compostas e não davam em lugar nenhum.

À noite, a vila inteira se reuniu.

Lanternas penduradas nas laterais mal iluminavam o espaço diante do palco, projetando sombras alongadas que pareciam se mover sozinhas; criando, por si só, uma atmosfera mística cujos elementos manifestavam tanto dúvida quanto avidez. Era diferente de tudo o que já tínhamos testemunhado. As crianças se sentaram na frente, de pernas cruzadas e olhos brilhando. Yuki entrelaçou a mão à minha, excitada demais para notar como meus dedos suavam frio.

A sensação que eu tinha era como se uma serpente se abraçasse em torno do meu coração — acochando mais a cada mínima menção de movimento, de fala. Tinha alguma coisa errada, eu sabia, mas não conseguia explicar o que era.

Quando o espetáculo começou, o som veio antes da imagem: com um bater seco de tambor, lento, grave, que reverberava no peito. A cortina se abriu com um rangido longo e ressecado, daquele que dói no ouvido. De coisa velha.

O primeiro boneco surgiu inclinado, sustentado por três homens quase abstratos contra o fundo escuro. Não parecia importante num primeiro olhar, mas capturou a atenção da platéia por ser o primeiro a aparecer. Seu rosto lenhoso tinha traços delicados, pintados com muito capricho — de olhos estreitos, boca pequena, expressão neutra. Era um menino; uma criança. Brincando despretensiosamente no canto da apresentação. Um figurante para dar início ao enredo.

Em dado momento, a cabeça do boneco tombou para o lado, como se a engrenagem que sustentava sua cabeça tivesse rachado no meio. Parte da maquiagem rubra escorria por cima das vestes. E aí houve um ruído incômodo, meio mecânico, duro, de alguma coisa, que não deveria, estalando insistentemente. As pessoas por trás da

movimentação do boneco tentaram erguer a cabeça, mas ela não ficava no lugar. Tentaram levantar de novo, mas ela meramente permaneceu em pé porque um dos condutores a segurou para dar continuidade ao espetáculo sobre um homem que perdeu a filha para a floresta.

Conforme a história avançava, algo mudou no público. Os adultos ficaram tensos, se remexiam desconfortáveis, outros mantinham os olhos fixos no palco. O som do tambor acelerou, acompanhando a cena em que uma criança da história, a filha do tal pai, era conduzida para longe da vila, guiada por uma figura alta, de rosto oculto por uma máscara branca, que lhe fez promessas de felicidade para atraí-la.

Ela acabou devorada por espíritos malignos e não lhe sobrou nada; nem um corpo para velar. O boneco-criança voltou o rosto para a plateia enquanto se debatia em seus últimos momentos. Seus olhos, antes pintados, de repente passaram a refletir a luz das lanternas com um resplendor úmido. A boca se abriu num movimento lento, antinatural, e um som escapou — um choro baixo, sufocado, real demais para ser parte da encenação.

Olhei para Yuki, ao meu lado, vidrada, e depois para o palco. O som que ecoava era muito cru; muito violento. Não parecia mimetizado pelo narrador no canto da plataforma, responsável por adicionar sons de tensão, medo e felicidade às cenas com seu shamisen. Era áspero, mordaz, como se estivesse sendo forçado — o som de algo quebrando cada vez que a personagem se movia. Não eram madeira e fios, eu sentia, era muito mais profundo que isso.

Toda a jornada do pai buscando sua prole se finda em um pedaço de fita que ela deixa para trás, encontrada em meio a uma poça de sangue. Ele acolhe aquele pedacinho de pano consigo pela eternidade. No fim, retorna para a vila que se torna próspera pelos cinco anos seguintes. Os outros bonecos, representando os aldeões, se chacoalham de euforia, erguendo braços mecânicos e trêmulos, enquanto o pai sai de cena; resignado à perda e ao luto, pensei comigo mesma.

Yuki aplaudia, encantada tão somente pelas cores e pela diversão que a peça trazia vez ou outra, em instantes pontuais. Talvez nem tivesse entendido o peso do enredo. Em certo momento, inclinou-se para mim e sussurrou que um dos bonecos tinha os olhos iguais aos meus. Eu ri, nervosa, sem saber por quê.

Silêncio.

A cortina se fechou, encerrando o fim da peça, e os aplausos que deveriam vir não ecoaram num primeiro momento. Após de alguns segundos, alguma ovação ecoou,

perplexa, apática, em meio à escuridão. Os membros da companhia surgiram à frente do palco, representando uma reverência teatral. Agradeceram pela presença de todos e anunciaram que partiriam ao amanhecer, como sempre faziam.

Naquela noite, sonhei com madeira rangendo sob pressão, fios se apertando em torno dos meus pulsos. Um caixote escuro, gritos, sons de arranhões.

No dia seguinte, a vila estava em alvoroço. Yuki havia desaparecido.

A companhia já tinha partido. No lugar onde haviam montado o palco, restavam apenas marcas lineares no chão, como se algo pesado tivesse sido arrastado repetidas vezes. Encontraram, enterrado sob a terra fofa, um pequeno pedaço de madeira, talhado pelo kanji “neve”, ligeiramente queimado na ponta.

A busca durou dias. Sem sucesso.

Com o tempo, a vila tentou esquecer. As crianças pararam de brincar na praça. Os adultos evitavam falar sobre o teatro. Diziam que Yuki devia ter fugido, ou sido levada por animais selvagens. Inventaram qualquer coisa que tornasse a dor suportável e meramente justificável para aliviar a culpa de uma negligência que recaía sobre todos os que compactuaram com a própria cegueira.

Eu nunca esqueci.

Anos depois, trabalhando como tradutora de línguas ocidentais, ouvi boatos na capital sobre um teatro itinerante famoso, antigo, que encantava multidões com bonecos de realismo impressionante — e que se apresentaria naquela noite. Diziam que suas histórias eram tão vivas que ninguém conseguia desviar o olhar.

Era uma noite chuvosa. E eu ouvi aquele maldito tambor.

Dentro do teatro, sentei-me na última fileira. Quando a cortina se abriu, reconheci imediatamente o boneco principal. Aquele mesmo lacinho turqueza adornando seus cabelos de madeira.

O boneco virou o rosto em minha direção.

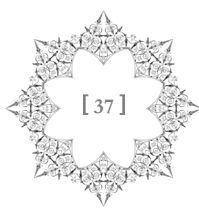
Sulcado, como se a pele mole mal se encaixasse por cima da estrutura envelhecida e putrefata. E então entendi porque nenhum daqueles bonecos parecia normal pra mim — porque o cheiro deles me deixava tão enjoada.

A atriz principal, de lacinho, olhou pra mim.

E sorriu.

Torta, oca.

E podre.





APRESENTAMOS O CONTO A HORA DO HORROR NO HOPI HARI

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália.

Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

Agosto, sexta-feira, noite alta. A cabeça dói, os olhos ardem provocando um desconforto geral. O telefone toca. Amigos me convidam para A hora do horror no Hopi Hari. Indecisa, abro a janela, noite calma, brisa leve, céu infestado de estrelas. Sim, eu vou.

Chegamos. Hopi Hari todo apagado, iluminado apenas pela luz da lua, clima propício para uma verdadeira noite de horror. Gritos e risadas ecoam no ar. Começamos nossa aventura pelo lado direito do parque onde monstros pulam à nossa frente com risadas metálicas e faces horripilantes.

Ríamos e gritávamos ao mesmo tempo. Divertido? Não sei descrever. Uma sensação estranha percorre meu corpo, junto com dor de cabeça e ardência nos olhos. Medo? Talvez. Aquilo tudo era preparado como num teatro, desde o cenário até o clima que a natureza teimava em nos oferecer. Com todo esse aparato interagíamos diretamente, com as mais diversas reações. Era um misto de susto, medo, surpresa, perturbação e entusiasmo.

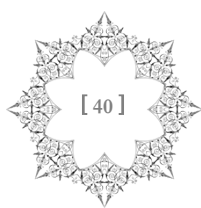
Imersa em meus pensamentos não percebi que ficara sozinha. Ouvia sons ao longe. As risadas e gritos pareciam distantes. A noite estava mais escura, a lua se escondera atrás da nuvem, fazendo sombras pelos cantos, formando imagens. Ouço passos, estremeço. Ando mais rápido, as pernas bambeiam, tremem, quase não conseguem sustentar o meu corpo. Com audição redobrada, posso ouvir todos os ruídos. Tenho a sensação de que alguém me segue. Meu coração bate num ritmo descompassado. A respiração fica entrecortada, parece que me falta o ar.

Meu corpo todo se esquentava. O suor brota, molhando-me os cabelos e escorre pelo rosto e nuca, descendo pelas costas num arrepio estranho, gelado. Sinto o sangue pulsar nas veias, bombeando violentamente o coração, indo até as têmporas, martelando-me o cérebro. O ar impregnado de gás carbônico entra nos pulmões lá ficando estagnado.

Ando mais rápido. Ruídos de folhas secas e passos por todos os lados. Passos cada vez mais próximos, nítidos. Fico ofegante tão grande é a falta de ar. Medo? Não consigo definir. Ouço uma respiração forte. Tento correr, minhas pernas pesam feito chumbo, deixando marcas fundas no chão. Apavorada tento gritar, mas consigo emitir apenas um estranho grunhido. Ahrrr!

Minha língua amortece, a saliva se torna espessa. Desesperada, levo as mãos ao rosto e sinto pelos por toda a face e na boca enormes presas. Meu corpo dói e se

contorce. Tudo muito estranho, muito esquisito. O meu medo era tanto que não conseguia sequer raciocinar. O que é isso? A lua reaparece, depressa olho as minhas mãos — peludas com grandes unhas curvadas para baixo — garras... Oh! Não! Grito! Um grito longo, agudo, sofrido. Uivo!!!





APRESENTAMOS O CONTO O RATO

POR MAURICIO MOURA

Jornalista. Apaixonado pela literatura de horror, influenciado por nomes como Stephen King e Machado de Assis. Dedicar-se a criar narrativas que desafiam a percepção da realidade e que colocam o leitor a uma profunda reflexão sobre a vida.

Ana era uma moça jovem, tinha 30 anos, não era casada, não tinha filhos, diriam os mais velhos que “ficaria para titia”, mas Ana não ficaria para titia, até porque nem tia ela tinha, seus pais eram filhos únicos.

Ela vivia sozinha, em um bom apartamento na região do Brooklin, em São Paulo. Dizia ela que a vida de solteira era melhor que a de casada, pois podia fazer o que queria, a qualquer hora. Seu apartamento de 50 m² não era uma mansão, mas para uma pessoa e com aquele lazer no *rooftop* era bem mais do que suficiente para ela.

Seu emprego como analista de investimentos no Banco Itaú lhe rendia um bom dinheiro, e uma conta gorda de três dígitos, mas a melhor parte, dizia ela, é que podia gastar seu dinheiro como bem entendia. Ela acreditava ter a vida perfeita, morando no bairro perfeito e com dinheiro de sobra.

Tudo isso era válido até aquela noite, quando ela encontrou um rato na janela do apartamento. Ela tinha horror, pavor, terror a ratos, ainda mais se o rato fosse do tamanho de um gato como aquele que apareceu e saltou para dentro do apartamento. Ana deu um grito alto quando viu o animal e chegou a correr até a porta da frente para chamar um vizinho, mas voltou atrás na ideia, ela não gostava de incomodar. Além do mais, quem mora sozinho não pode ter regalias, tem que se virar para dar conta das coisas, até mesmo matar um rato.

Ela voltou para o quarto, se esgueirando entre a parede e a porta, com a vassoura na mão e lá estava ele, preto como piche, parado perto do guarda-roupa em duas patas olhando para os lados, quase que como um vigia de prisão em alerta sobre algum perigo. O rato era bem gordinho, tinha longos bigodes, uma barriga preta e uma cauda de quase 30 cm. Seu nariz parecia se mexer como se tentasse farejar algo. Ana achava que estava em busca de comida.

O coração de Ana estava a milhão, ela não podia errar a vassourada ou seria o seu fim, pensou ela. Deu passos de bicho preguiça em direção ao quarto, andava como uma leoa prestes a atacar sua presa. A vassoura subiu no teto e desceu em direção ao chão com força descomunal, não à toa se partiu ao meio na pancada.

Naquela fração de segundos, ela teve certeza de ter visto o rato olhar bem dentro dos seus olhos como se suplicando pela vida. Ela quase teve dó do animal, mas ele era um rato, e ela só conviveria bem com um rato se ele estivesse morto ou bem longe.

A vassoura acertou precisamente o corpo e a cabeça do rato, ela ouviu um guincho alto — *“será que é assim que eles gritam antes do último suspiro?”*, ela pensou — e um barulho de estalo, como se algo tivesse se quebrado junto com a vassoura. Suas mãos tremiam, o corpo parecia ter levado uma descarga elétrica de tensão, as pernas fraquejavam e naquele momento ela sentia o suor escorrer pela cabeça.

Ela ficou alguns minutos parada, sem mexer um palmo da vassoura, não queria nem imaginar aquele rato correndo por aí atrás dela, caso não tivesse morrido com a pancada. E então ela levantou a vassoura, ainda tremendo. O rato estava lá, ela tinha acertado o animal em cheio.

O olho direito estava esbugalhado, o esquerdo, tinha caído com a pancada e estava ao lado do corpo. Aquele olhão arregalado dava a impressão de que ele tinha morrido de susto e não pela pancada. Da boca e do olho arrancado saía um pouco de sangue, que escorria pelo bigode e sujava o chão do quarto. Antes com uma pança igual à de quem bebe muito, o animal agora tinha um corpo achatado, com certeza com ossos quebrados, como se tivesse sido esmagado pela sanduicheira, estava como um pão na chapa.

Ana ficou observando a cena no chão do quarto, com cara de enjoo, ela achou que ia golfar, mas conseguiu se segurar. A vassoura quebrada agora estava acima da cabeça, pronta para dar uma outra pancada, caso o bicho se mexesse, mas ele não se mexeu, estava mortinho da silva.

Ana não tinha experiência com ratos ou sequer com descarte de corpo de rato, então não fazia ideia do que fazer. Ela pegou o celular, com 7% de bateria, e procurou “como jogar fora um corpo de rato” no YouTube. O vídeo tinha mais de 5 minutos, que ela adiantou para a parte que o homem dizia que o ideal era usar um saco de lixo, pegar o rato com luvas e jogar dentro do saco. Ah, e é claro, as luvas deviam ser descartadas depois, informação que Ana achou óbvia, afinal, quem pensaria em reutilizar essa nojeira depois.

Ela voltou para o quarto na esperança de que o rato e toda aquela ideia de caça ao rato não passasse de um pesadelo ou fruto da sua imaginação. A vontade era de voltar para o quarto e ver o chão limpinho, mas obviamente não foi isso que aconteceu. O rato morto, com seu olho caído e o outro esbugalhado, assim como sangue no chão, continuavam lá, no mesmo lugar em que o animal foi assassinado.

Ana chegou perto do corpo do rato com as luvas de cozinha nas mãos, era só essas que ela tinha, abriu um saco de lixo preto reforçado, e ajoelhou no chão. Novamente estava nauseada e sentiu o gosto de vômito na boca, mas preferiu mandar tudo de volta para dentro da barriga do que regurgitar tudo no chão. Ela apertou o rato com as duas mãos e assim que levantou o animal a cabeça despencou de lado. Ele parecia mesmo um pão na chapa. Mesmo com as luvas, agora ensanguentadas, ela podia sentir o corpo gelado do rato, era mesmo um cadáver, a vassourada tinha sido com sucesso. Ela resgatou do chão também o olho que havia sido arrancado na pancada. Se parecia muito com uma bolinha de gude, nesse caso branca e vermelha com um pontinho preto no meio.

Ana descartou as luvas, depois de jogar o corpo do rato no saco preto, e amarrou bem, foram uns cinco nós, ela não queria nem pensar em um bicho daqueles ressuscitando e fugindo por aí. Coisa que ela sabia que não aconteceria depois de sentir nas mãos aquele corpo nojento e gelado cheio de sangue. No chão tinha uma pequena poça de sangue e ela derramou o vidro todo de Lysoform. Aquele líquido matava até Covid, quanto mais limpar um chão com sangue de rato.

Ana pegou o saco de lixo e andou até a porta do apartamento, precisava descartar aquele corpo na lixeira, que ficava no subsolo. Nem morta que ela esperaria até de manhã com aquele rato dentro de casa, ela precisava dar fim ao cadáver e seria agora mesmo.

Antes de sair do apartamento, ela pegou o celular, que marcava 22h20, nunca esquecia o aparelho, eles eram como unha e carne e ela levava aquele Iphone 15 para onde quer que fosse. Deu uma boa olhada e nenhuma mensagem havia chegado, apenas

as notificações de sempre das redes sociais e as promoções que vinham pelos aplicativos, que pulavam na sua tela. A bateria estava em 3%, ela sempre colocava para carregar na hora de dormir, para sair com ele 100% de manhã, mas aquele maldito rato atrapalhou sua rotina. Faria isso quando voltasse do subsolo.

Ela apertou o botão do elevador de serviço e aguardou, segurando aquele saco de lixo com corpo de rato. O elevador chegou no andar, vazio, graças a Deus, e Ana apertou o botão redondo sub (subsolo), que acendeu e ficou vermelho, o elevador fechou as portas e se colocou em movimento. O elevador desceu do 6 para o 5 andar, do 5 para o 4 e Ana sentiu um solavanco, que quase fez com que ela batesse a cara na porta de metal. O saco de lixo inclusive deu uma boa balançada e ela sentiu o corpo do rato morto se movimentando no saco de lixo.

O solavanco veio acompanhado de uma piscada de luz e o elevador parou de repente. Segundo depois, as luzes se apagaram, deixando Ana e o rato morto em um breu total. O painel do elevador estava às escuras, não marcava mais o andar em que eles estavam. A porra da luz, provavelmente, tinha caído no prédio.

Ana soltou o saco de lixo com o rato morto no chão e apertou o botão ligar do celular, que na mesma hora fez um ponto de luz na cara dela, iluminando um pouco o ambiente. Ela desbloqueou o celular com o reconhecimento facial e acionou a lanterna do iPhone, apontando diretamente para o painel do elevador. Tudo estava apagado. Ela andou até o interfone que ficava ao lado do painel de oito números, puxou o telefone e colocou na orelha, mas ele estava mudo. Ana tentou apertar o botão vermelho de emergência, que normalmente faria um barulho estrondoso para o prédio todo ouvir que havia alguém preso no elevador. Ela sabia disso, pois já tinha ouvido esse barulho outras vezes e perguntou para o porteiro, que explicou que aquele alarme era do elevador quando ele estava parado e alguém apertava o botão de emergência. Para surpresa de Ana não houve barulho algum quando ela apertou o alarme, o silêncio era total.

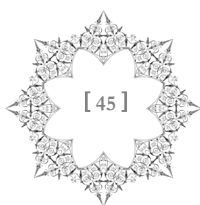
Ana balançou a cabeça e suspirou fundo. Ela olhou para o iPhone e a bateria marcava 2%. Na mesma hora ela se sentou no chão do elevador e desligou a lanterna do iPhone. Ana não tinha medo de escuro, quando era pequena sequer ligava ou ficava assustada na escuridão com aquelas invenções de monstros do armário ou bicho papão embaixo da cama, ela achava que tudo isso não passava de mentiras e historinhas para assustar crianças medrosas, que não era o caso dela.

Por isso, ficar presa no elevador, mesmo que na escuridão total, não a amedrontava, mas era extremamente desconfortável dividir aquele espaço com um rato, ou melhor, um cadáver de rato. E tinha outra, a porcaria do celular sem bateria e sem sinal, impossibilitava ela de fazer qualquer coisa útil, mesmo que fosse jogar um *Candy Crush* para passar o tempo, jogo que ela era viciada, já tinha atingido o nível 300.

Ana olhou de novo para o celular, que marcava 23h e 1% de bateria. Em breve, ela ficaria sem ele, o aparelho morreria, como ela gostava de dizer quando acabava a bateria, assim como o rato que estava no saco de lixo. Ela deu uma risadinha quando pensou na comparação.

O sorriso não durou muito, pois Ana ouviu um barulho bem ao lado dela, um som como algo raspando uma lixa na parede. Ela pegou o iPhone e ligou a lanterna, apontando diretamente para o saco de lixo.

O saco tinha um grande buraco e bem na saída dele, o rato caolho estava com os grandes dentes de fora, as patinhas esfregando uma na outra, com os bigodes sujos de sangue, guinchando e olhando diretamente para Ana. Na mesma hora, ela arregalou os olhos, viu e sentiu o rato subir na sua perna e o iPhone apagou a lanterna, a bateria tinha chegado ao fim.





APRESENTAMOS O CONTO A CASA DO INFERNO

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura - com a qual colabora desde o nº 37 -, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e vinte antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

A casa...

Preto e vermelho eram suas cores predominantes, feito uma promessa de mau agouro.

Era antiga e encontrava-se em ruínas, ameaçando desabar, mas não caía.

As janelas sem venezianas assemelhavam-se a olhos vazados.

O vento invadia seu interior, uivando ecos em toda parte.

Havia uma malevolência perene dentro daquela construção.

Não me refiro às pessoas que nela um dia moraram — fossem quem fossem — ou almas penadas que pudessem habitar suas paredes desconjuntadas e carcomidas.

Não.

Referia-me a ela própria, a casa.

Ela era a personagem, a protagonista.

Pesquisei tudo quanto foi registro em que pude colocar as mãos. Passei madrugadas consultando a Internet atrás de algo.

Não havia coisa alguma sobre ela.

Até na imagem do *Google Maps* o local aparecia borrado, como se não quisesse ser fotografado.

Eu tinha um "amigo" na prefeitura local. Tampouco pudera ajudar-me.

— Como não existe cadastro algum do imóvel? — indagara. — E quanto ao IPTU, como fazem?

Ele dera de ombros. Não conseguira — ou não quisera — responder.

— Isso significa que, se eu ocupar aquela porcaria, está tudo bem?

— Se ficar um só dia sequer sob aquele teto, Sr. Hamilton, *nada* estará bem.

Gargalhara à solta na fuça do fulano.

Eu precisava da casa.

Eu desejava aquela casa.

Ela seria minha de qualquer jeito.

Não, não propriamente a casa, mas o terreno no qual ela fora construída ou, segundo os mais supersticiosos, simplesmente brotara numa noite tempestuosa de alguma semente do Inferno.

E eu lá estava me importando com as crendices do populacho? Eles acreditavam em astrologia, na Terra plana, promessas de político, pirâmides de dinheiro, *reality shows*

e curas milagrosas. Havia uma propensão da gentalha — quiçá vocação — em ser feita de trouxa e até pagar por isso. E eu é que não ficaria de fora e deixaria de lado o meu quinhão!

Eu precisava daquele espaço para construir o estacionamento de meu novo supermercado, cujos lotes, por sinal, já me haviam dado um trabalho considerável para obtê-los de seus donos originais. Fartei-me de ouvir a velharada e toda aquela lenga-lenga sentimental sobre a infância, a história familiar, o sacrifício na compra da terra, seu apego... Haja saco!

Estava com a construção quase pronta ao lado, a data da inauguração aproximando-se, os bancos e os fornecedores em meus calcanhares. O terreno daquela casa seria ideal para abrigar o estacionamento. Eu precisava pôr as mãos naquele pedaço de chão a qualquer preço. Mas, se me saísse de graça, quem iria me segurar? Eu é que não reclamaria!

— Bom, então, aquele imóvel é terra de ninguém, certo? — perguntara. — Que o Sr. Ninguém não venha reclamar depois comigo.

O funcionário da prefeitura, um velho conhecido a quem eu costumava passar uma grana por baixo da mesa sempre que precisava agilizar ou facilitar alguma coisa, franzira a testa.

— Cuidado, Sr. Hamilton... Cada um colhe aquilo que planta.

— Eu sei... Conto com isso. Vou "plantar" mais um supermercado e colher tantos lucros quanto eu puder estocar no meu cofre!

Mandei a empreiteira invadir o lugar: tratores, escavadeiras, caminhões para pôr tudo abaixo, limpar, nivelar e pavimentar.

Não dei atenção às inúmeras reclamações sobre acidentes de trabalho, relatos de sombras estranhas, gemidos ou alucinações. Que culpa tinha eu se contratavam operários bêbados, talvez drogados? Soube que um dos peões até morrera: um rolo compressor sem motorista passara sobre ele... Sem motorista? Credo! Dá para acreditar num negócio desse? Já me via telefonando para o meu advogado e procurando algum infeliz para atuar como preposto. Que fizessem um acordo para evitar delongas.

O que sei é que, no final das contas, aquela casa horrorosa foi abaixo, o estacionamento foi concluído e eu pude fazer a inauguração a tempo, sorrindo muito para a imprensa, os empresários e a clientela sequiosa por novidades importadas.

Ao chegar à minha mansão no final daquele dia exaustivo, além da correspondência, encontrei algo incomum na caixa de correio: um tijolo. A caixa era reservada para grandes encomendas: revistas, jornais, livros, pacotes de variados tamanhos, por isso, o tijolo foi lá colocado sem problema.

Fiquei encafifado. Que droga era aquela? Coisa de moleque, só podia ser. Bando de desocupados. Quem se daria ao trabalho de colocar tal porcaria ali?

Era um tijolo de barro vermelho bastante pesado. Havia um timbre estranho nele em alto-relevo: um pentagrama no interior de um círculo. E tinha um cheiro esquisito. Era vagamente familiar, mas, no momento, não pude e tampouco preocupei-me em lembrar.

Cansado, só pensando no mergulho relaxante em minha banheira, atirei aquilo num canto do quintal e, prontamente, esqueci-me do caso.

Só quando encontrava-me imerso na água perfumada, a recordação daquele odor retornou e, ao mesmo tempo, a lembrança de onde eu já sentira aquilo.

No enterro de um antigo sócio — Não querem que eu jure que sua morte foi "acidental", querem? — a terra na qual o caixão fora enterrado estava úmida. Chovera copiosamente no dia anterior. O coveiro afundara em lama até quase os joelhos e, a cada pá que levantava, aquele odor penetrante chegava-me às narinas, embrulhando-me o estômago.

Lama de sepultura.

Sim, era esse o cheiro.

Um absurdo fedor de morte.

Senti calafrio, não obstante a água quente da banheira.

Durante o jantar, abri a correspondência. Entre as cartas, havia um envelope pardo. Era do empreiteiro. Em meio a notas fiscais e listas de materiais, anexara diversas fotografias. Eram daquela casa maldita, em diferentes fases de seu processo de demolição e posterior construção do estacionamento. Diversas imagens não se encontravam nítidas. Na missiva, ele também referia-se a esse fato incomum: todas as fotos nas quais a casa deveria aparecer, ela saía distorcida.

Adormeci dominado por sentimentos contraditórios. Sentia-me excitado com meu novo empreendimento, porém, um pressentimento ruim ensombrecia a minha alma feito nuvens de uma tormenta próxima.

Uma porção de mim gritava: "Não durma!"

Balancei a cabeça. Resmunguei:

— Deixa de bobagem, Hamilton!

Eu deveria ter dado ouvidos.

Despertei no meio da madrugada. Acreditava ser de madrugada, pois estava tudo um breu. Escuro e frio, bastante frio, o que era incomum, pois estávamos em pleno verão. Tateei atrás do interruptor, mas não o encontrei. Bati o joelho em alguma coisa e não sabia o que era. Tudo pareceu-me confuso, fora de lugar. Algo espatifou no chão, um vaso talvez. Então, eu percebi novamente aquilo. Era loucura, mas senti, e o pavor foi adquirindo forma, crescendo dentro de mim. O cheiro! Aquele odor do tijolo, de terra de cemitério.

Permeava todo o quarto, impregnava a mansão inteira.

Atormentado, prossegui, tateando e tropeçando, através daquela casa que não mais parecia a minha. Nada combinava com nada, nem os objetos e nem os cômodos.

O que teria acontecido?

Então, em meio ao pesado silêncio, uma claridade fantasmagórica surgiu do lado de fora e banhou o interior numa brancura de linho através da janela sem cortinas ou venezianas.

No beiral do precipício do desespero, eu gritei.

— Meu Deus!

Nunca fora religioso.

Vermelho e preto.

Preto e vermelho.

Não era minha mansão.

E não me perguntem como eu sabia, entretanto, eu adivinhei, tive certeza:

Era o interior *daquela* casa!

A casa maldita.

A casa vinda do inferno.

A casa que nunca mais deixaria eu sair.

Fruto daquela "semente" na caixa de correio que eu, inadvertidamente, "plantara" no quintal.

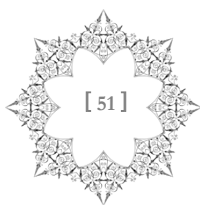
"Cada um colhe aquilo que planta."

À noite, ela brotara ao meu redor, envolvera-me, sugara-me, aprisionara-me.

Agora, sou parte dela.

Enclausurado nessas paredes apodrecidas ao lado de tantas almas desgraçadas desde a origem do mundo, eu lastimarei, arranharei, sussurrarei e ficarei a observar futuros incautos. Ai deles se desdenharem o verdadeiro Mal e profanarem o seu leito! Pobres criaturas que, como eu, agirem como se nada fosse maior, melhor ou mais esperto do que os seus próprios e desafortunados egos...

... Malditos sejam!





APRESENTAMOS O CONTO TUPÃ IRADO

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Desde pequena, entre as minhas mais remotas lembranças, os trovões faziam parte da minha realidade. E à noite, o brilho que os antecipava.

Eu então, não entendia os fenômenos, mas comecei a correlacioná-los — o somatório dos trovões aos raios.

As explicações que mamãe dava, de que "eram naturais e mais frequentes na nossa região por causa das montanhas e seus minerais, que os atraíam", tiravam de nós — de mim e dos meus irmãos —, os temores que as crianças normalmente têm causados por eles.

E era essa a intenção da mamãe: de atenuar ou eliminar quaisquer medos que tivéssemos, principalmente por serem acentuados pelo silêncio e escuridão da noite.

Muitos anos se passaram. E numa tarde chuvosa, nós irmãos, já adolescentes estávamos a brincar na varanda de frente da nossa casa, enquanto mamãe cuidava dos seus afazeres na cozinha.

De repente, ocorreu um terrível estrondo na casa ao lado e bem perto de nós. Um raio caíra no relógio de eletricidade daquela casa.

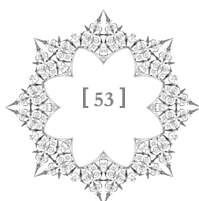
Mamãe ficou terrivelmente abalada, por pensar que nós fomos atingidos pelo raio. Ela só se acalmou quando nos viuãos e salvos.

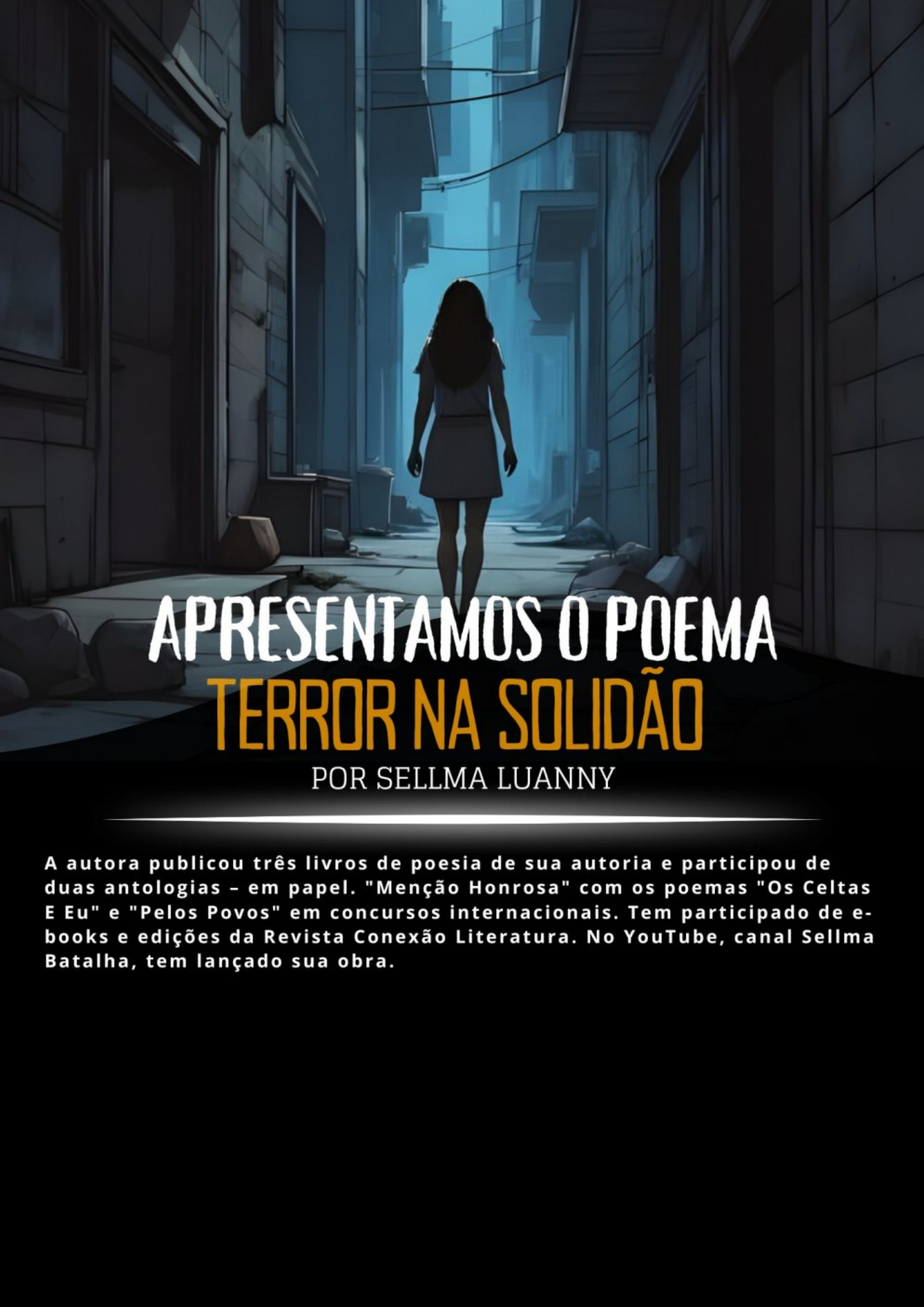
E a minha mãe nunca mais foi a mesma quando ouvia trovões por perto. Procurava sempre se certificar de que estávamos seguros.

Mas afinal, hoje em dia, por que as chuvas se têm tornado frequentemente, tempestades? Além do que, estas têm sido geradoras de enorme atividade elétrica na forma de raios e trovões. Chegam a fazer vibrar janelas de vidro nas casas e à noite, não mais deixam dormir sossegadamente crianças, adultos e animais.

Tupã* fala alto e assusta. Tupã parece raivoso... Por que será?

*Senhor ou deus do trovão e criador do universo e dos seres vivos, na mitologia tupi-guarani.



A woman with long dark hair, wearing a light-colored dress, is walking away from the viewer down a narrow, dark alleyway. The scene is dimly lit with a strong blue tint, creating a mysterious and somewhat eerie atmosphere. The buildings on either side are tall and have many windows, some of which are dark. The ground is paved and there are some small objects on the ground.

APRESENTAMOS O POEMA TERROR NA SOLIDÃO

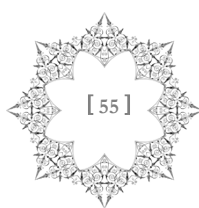
POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Quando a inevitável escuridão...
porque distraída a mente,
num caos que transborda e agride,
amedronta e transforma...
o espírito toma...

E mais que medo, um tal de pavor
que acorrenta... e o corpo paralisa.
E a um passo da obliteração...
Um grito!
E da quase anestesia, se livra.

Mas se a raiz... não se encontra
e no alívio não há permanência...
E só... as sombras retornam
com o agregado terror...
inúmeras serão as feridas.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI